



A noção de inversão dos valores como parte constitutiva do imoralismo de Nietzsche

Kelly de Fátima Castilho¹

Resumo: Com seu autoproclamado “imoralismo”, Nietzsche pretendeu declarar guerra à moral judaico-cristã e propor uma redefinição radical dos valores por ela instituídos. Embora a crítica nietzschiana não se restrinja a uma mera “inversão” dos valores cristãos, tal como nos sugerem algumas interpretações, podemos observar que este aspecto aparece com certa constância nas obras nietzschianas. Em várias passagens o filósofo indica a necessidade de “pesar” novamente os valores e de “reabilitar” aqueles que foram até então os mais difamados e caluniados. O que nos interessa nesse trabalho é verificar o motivo pelo qual a “inversão dos valores” foi apontada por Nietzsche como uma etapa necessária da transvaloração e de que modo o “imoralismo” nietzschiano vai para além dela.

Palavras chaves: Imoralismo. Inversão dos valores. Transvaloração. Afirmção da vida.

INTRODUÇÃO

A transvaloração de todos os valores era vista por Nietzsche como uma das empreitadas mais sérias da sua filosofia, aquela que cindiria a humanidade em duas, que causaria “terremotos” e “convulsões” e que traria à luz uma nova aurora do ser. Ser o responsável por tamanha reviravolta de perspectivas exigia do filósofo a coragem para não sucumbir à tarefa e não se tornar também um peso. “Uma transvaloração de todos os valores, esse ponto de interrogação tão negro, tão imenso, que arroja sombras sobre quem o coloca” (GD/CI, *Prólogo*).

Nietzsche está ciente da necessidade de “inverter”, de “reavaliar” e de “pesar” novamente o mundo e os valores e, nesse sentido, propõe com sua filosofia uma reviravolta de perspectiva. Essa ideia aparece em várias passagens de sua obra e constitui de maneira essencial o seu autodeclarado “imoralismo”, bem como seu projeto de “transvaloração dos valores”. Nosso objetivo nesse texto é indicar por qual razão a ideia de “inversão” se fez necessária no processo da transvaloração, mesmo que o projeto nietzschiano não possa ser reduzido a ela. Veremos como o filósofo apresenta repetidas vezes a exigência de destruir certos valores e, ao mesmo tempo, propõe a reabilitação de outros, retirando-lhes a má consciência.

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste e professora do Instituto Federal Farroupilha-IFFAR. Email: kellyfcastilho2@hotmail.com.

No prefácio de *Humano, Demasiado Humano*, escrito em 1886, alguns anos mais tarde da publicação dessa obra, Nietzsche reconhece que suas obras foram consideradas uma provocação e uma espécie de constante “incitamento” “à inversão das valorações habituais e dos hábitos valorizados” (MAI/HHI, *prólogo*, §1). Adiante, o filósofo levanta a questão: “não é possível revirar todos os valores? E o Bem não seria Mal? E Deus apenas uma invenção e finura do Demônio?” (MAI/HHI, *prólogo*, §3). A noção de “inversão” dos valores, que já aparece aqui em *Humano, Demasiado Humano*, será retomada ao longo da obra e integra, de maneira essencial, o projeto de uma crítica profunda e radical à moral judaico-cristã. Seus livros, admite ele, foram chamados “de uma escola da suspeita” do “desprezo”, mas também da “coragem” e da “temeridade” (MAI/HHI, *prólogo*, § 1). Essas obras teriam encorajados os leitores a se tornar “defensores das piores coisas” (MAI/HHI, *prólogo*, § 1), defensores daqueles valores que foram até então os mais caluniados e renegados².

Em *Ecce Homo*, obra que Nietzsche escreve com o objetivo de se apresentar à humanidade, encontramos a seguinte indicação do significado do seu imoralismo:

No fundo são duas as negações que a minha palavra imoralista encerra. Eu nego, por um lado, um tipo de homem que até agora foi tido como o mais elevado, os bons, os benévolos, os benéficos; nego, por outro lado, uma espécie de moral que alcançou vigência e domínio como moral em si — a moral de *décadence*, falando de modo mais tangível, a moral cristã (EH/EH, Por que sou um destino, § 2)

O imoralismo de Nietzsche, portanto, marca uma determinada postura diante da moral e da própria filosofia. Com essa atitude, o filósofo aponta para a necessidade de negar um determinado “tipo de homem” e um determinado “tipo de moral”, a saber: o homem do “amor ao próximo” e a “moral da compaixão”.

Se o filósofo usa seu imoralismo para renegar um determinado tipo de homem, os “bons” e os “benévolos” é porque, segundo sua perspectiva, esse tipo foi construído a partir da atuação reativa dos mais fracos diante dos fortes. O cristianismo, com seu modo de avaliar, rejeitou e corrompeu tudo o que vinha das naturezas mais fortes e passou a idolatrar toda espécie de antinatureza. O “ressentimento das massas”, diz Nietzsche, foi a arma construída “contra tudo o que há de nobre, alegre, magnânimo na Terra, contra nossa felicidade na Terra...” (AC/AC, §43). Interessante notar que a oposição nietzschiana ao cristianismo e à moral judaico-cristã se justifica pela própria atitude dessa doutrina diante de determinados instintos e valores. Ou seja, se Nietzsche vê a necessidade de pensar os ideais cristãos de uma maneira invertida, é porque antes essa doutrina já “inverteu” os valores nobres e os transformou em valores escravos.

Se Nietzsche utiliza as palavras “luta”, “guerra” e “combate” contra a moral é porque também pretendeu assinalar e denunciar aquela “outra guerra” que o próprio cristianismo

2 Poderíamos certamente mencionar aqui egoísmo, como um desses valores caluniados e renegados.

empreendeu contra as naturezas mais fortes e contra os homens de instintos mais saudáveis. O cristianismo, segundo ele, “travou uma *guerra de morte* contra esse tipo *mais elevado* de homem, ele proscreveu todos os instintos fundamentais desse tipo, ele destilou desses instintos o mal, o homem mau” (AC/AC, §5). Como resultado dessa guerra, aquelas naturezas mais elevadas e exuberantes, passaram a desconfiar e se envergonhar dos seus instintos. Foram ensinadas a ver a sua razão e a força do seu espírito como “tentações” e suas ações como “pecaminosas” e o contrário se transformou em ideal. Esse teria sido, segundo Nietzsche, o processo operado pelo cristianismo para elevar a fraqueza em detrimento da força, uma vez que “o cristianismo tomou partido do que é fraco, malgrado” (AC/AC, §5). É, portanto, para evidenciar e denunciar a superestimação da fraqueza em detrimento da força, que o imoralismo de Nietzsche se insurge, pois até o momento a moral judaico-cristã atuou na exaltação de tudo o que contraria os instintos de conservação da vida forte. Ele quer justamente libertar o homem para que possa ser o criador de valores mais saudáveis e afirmativos, que estejam em consonância com este mundo e essa vida.

1 A NOÇÃO DE “INVERSÃO” E O “ANTICRISTIANISMO” DE NIETZSCHE, SEGUNDO ALFRED FOUILLÉE

Aos olhos de Alfred Fouillée, filósofo e sociólogo francês³, Nietzsche continua sendo um “falso imoralista”, uma vez que sua crítica não é capaz de renegar todas as manifestações morais, mas unicamente a moral cristã. Neste caso, “anticristão” teria sido a sua autêntica designação, pois ele próprio teria sido o “pregador” de uma espécie de “moral invertida”, uma moral “anticristã” (Fouillée, 1902, p.58). Concordamos, em parte, com a interpretação de Fouillée: Nietzsche realmente não tinha a intenção de “extirpar” todas as manifestações da moralidade que existiram ao longo da história. Isso seria impossível, uma vez que “avaliar”, “estabelecer preços, medir valores, imaginar equivalências” é algo inevitável. A própria definição de homem envolve essa ideia: “o homem [Mensch, em alemão] designava-se como o ser que mede valores, valora e mede, como ‘o animal avaliador’”. (GM, II Dissertação, §8). E se o homem é um criador de valores por excelência, o que importa ao filósofo imoralista é questionar se esses valores promovem ou diminuem a vida, se são expressão da força ou da fraqueza: se promoveram ou dificultaram o crescimento do homem (GM/GM, *Prólogo* § 3). Veremos que, para Nietzsche, o critério máximo de análise dos valores está na vida e que a moral só pode ser entendida como sintoma, jamais como verdadeira ou falsa, certa ou errada.

Nietzsche realmente não nega toda moral, mas ele coloca como exigência para a sua filosofia a coragem de sentir a moral cristã como “abaixo de si”, a coragem para renegar esses dois mil anos de história e pensar para além daquela que foi considerada a única maneira possível de avaliar. Em carta à Reinhart von Seydlitz, de 12 de fevereiro de 1888, o filósofo fala da solidão “glacial e aguda” que envolve sua missão de “transvalorar valores” e da

3 Alfred Fouillée foi lido por Nietzsche, mas também foi seu leitor e crítico. Sua obra *Nietzsche et l'Immoralisme* (Nietzsche e o Imoralismo) foi uma das primeiras interpretações de Nietzsche que surgiu no final do século XIX e início do XX e nela encontramos uma forte crítica ao filósofo alemão e às suas doutrinas, especialmente contra a vontade de potência e o além-do-homem.

responsabilidade de declarar guerra “contra todo o homem que até agora tem sido respeitado e amado” (Nice, 12 de Fevereiro de 1888: carta a Reinhart von Seydlitz). Nesta mesma carta, Nietzsche lamenta as críticas superficiais e tendenciosas que os alemães de sua época lhe dirigiram, recorrendo, diz ele, “a expressões como ‘excêntrico’, ‘patológico’, ‘mentalmente perturbado’” (Nice, 12 de Fevereiro de 1888: carta a Reinhart von Seydlitz). Certamente a interpretação de Fouillée, bem como de seus contemporâneos e conterrâneos franceses não está muito distante dessa descrição.

Como o próprio título sugere, a obra “*O Anticristo*”⁴ pode ser uma confirmação de que Nietzsche se considerava sim um “anticristão”, alguém “avesso” aos valores estabelecidos pelo cristianismo. Ele não nega seu propósito de declarar guerra àquilo que chamou de a “mendacidade de milênios” (EH/EH, *Por que sou tão inteligente*, § 9), combatendo com sua filosofia dois mil anos de “violência” contra o homem e seus instintos mais fundamentais. É interessante observar que uma das censuras que Fouillée faz à suposta “moral anticristã” de Nietzsche é justamente o que ele denominou de “apologia da violência” que estaria contida nas concepções do filósofo. Nietzsche, por sua vez, atribui a si e à sua filosofia a tarefa de “libertar” o homem desta outra violência: aquela praticada pelo cristianismo contra o homem e contra os instintos da vida, que vinha se arrastando por dois mil anos.

Em uma carta a Overbeck, de 23 de maio de 1888, Nietzsche escreve: “nessas últimas semanas tenho estado a ‘transvalorar valores’” e compara seu trabalho com a atividade do “alquimista”, cuja ocupação é transformar o desprezível em algo valioso. “Minha tarefa nesse momento é completamente singular: pergunto a mim mesmo o que o gênero humano sempre odiou, temeu, e desprezou em geral - e justamente disso tenho feito o meu ‘ouro’” (Turim, 23 de Maio de 1888: carta para Georg Brandes). Nietzsche fala nesta carta sobre seu propósito de tornar o desprezível valioso e reabilitar valores até então condenados. Certamente, dentre esses valores, poderíamos citar o egoísmo⁵.

Do nosso ponto de vista, são passagens como essa que justificam interpretações como a de Fouillée, pois aqui o filósofo declara textualmente que vai transformar em “ouro” tudo aquilo que foi negado pela tradição judaico-cristã. O que o intérprete francês parece fazer questão de ignorar é todo o contexto da crítica nietzschiana à moral e sua justificativa para realizar a inversão. Tal como já mencionamos, se Nietzsche considerou a inversão como primeiro passo da sua transvaloração foi porque percebeu que o “mundo”, a “verdade” e os “valores” se encontravam “de cabeça para baixo” e que já haviam sido invertidos em algum momento na história, pela moral escrava.

4 Nos Posfácio de *Ecce Homo*, Paulo César de Souza, afirma que o título da obra “*O Anticristo*” poderia também ser traduzido por “*O Anticristão*”, uma vez que o termo em alemão *Christ* pode significar as duas coisas: anticristo ou anticristão.

5 Importante salientar que tais valores seriam reabilitados desde que provenientes da saúde e da afirmação da vida. Tais valores não são reabilitados no sentido tradicional, pois não possuem o mesmo significado que na moral cristã. O egoísmo, por exemplo, é visto por Nietzsche como expressão da vontade de potência, expressão de uma vida saudável que busca se expandir.

Se até então a moral esteve baseada em uma metafísica que cindia o mundo em dois: o mundo verdadeiro e o mundo aparente, trata-se agora de suprimir essa concepção e afirmar a Terra como o único lugar possível para se querer viver e estar. Se até o momento o Deus cristão constituiu o fundamento a partir do qual se erguiam os valores, trata-se agora de aceitar “a morte de Deus” e libertar o homem para criar seus próprios valores, com base neste mundo e nesta vida.

Se o homem se envergonhava dos seus instintos e da sua insuficiência diante Deus, trata-se agora de afirmar a efemeridade e a imperfeição como partes constitutivas da vida. Nietzsche propõe que a moral pregada até aqui seja, de agora em diante, associada à “má consciência” e que nos sintamos constrangidos e embaraçados diante dela. É de uma moral que transformou o mundo num lugar ruim e nos levou almejar o paraíso que devemos nos envergonhar e não dos nossos instintos e da nossa animalidade.

Gostaríamos de assinalar aqui a abordagem simplista contida na interpretação de Fouillée, que designa Nietzsche um “dogmático anticristão” e representante do egoísmo. Na nossa perspectiva, o objetivo de Nietzsche não é apenas inverter os valores e os mundos, mas superar a própria dualidade dicotômica que coloca em oposição egoísmo e altruísmo, mundo verdadeiro e mundo aparente. Não por acaso, o filósofo chamou sua transvaloração de “machado” capaz de “cortar pela raiz a ‘necessidade metafísica’ da humanidade” (EH/EH, *Humano, Demasiado Humano*, §6). “Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez? Não! Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente!” (GD/CI, como o ‘mundo verdadeiro’ se tornou finalmente fábula§6).

CONCLUSÃO

Nietzsche, a nosso ver, não pretendeu ser um mero inversor dos valores cristãos, pregando o egoísmo e a violência em detrimento do altruísmo e da compaixão, tal como pressupunha Fouillée. O que vemos na crítica radical do filósofo à moral judaico-cristã é a denúncia de um modo de pensar e de erigir valores que impregnou todas as manifestações culturais e sociais da sua época, tais como a música, a ciência, a política, etc.

Que Nietzsche tenha visto todas as fontes da modernidade “envenenadas” por essa doutrina e que tenha denunciado as diferentes facetas sob as quais ela se camuflou para atuar em nosso tempo é, para nós, um forte indício da sua originalidade e do ineditismo, que o intérprete francês lhe negou, ao nomeá-lo um mero “inversor” do cristianismo. A inversão dos valores que Nietzsche propõe não lhe tira a originalidade, tampouco o torna “dogmático”, ela comprova, a nosso ver, o quanto estávamos ingenuamente imersos numa concepção de mundo que se colocou como verdade inquestionável e absoluta. Nietzsche chamou essa cegueira diante do cristianismo de o “crime *par excellence*- o crime contra a vida” (EH/EH *Por que sou um destino*, §6). Crime este que ele foi o primeiro a denunciar, distinguindo-se por isso mesmo, de “todo o resto da humanidade”. Sua grandeza, segundo ele: foi ter “descoberto a moral cristã” (EH/EH *Por que sou um destino*, §6).

A nosso ver, Nietzsche coloca a necessidade de inversão porque reconhece que o modo de criação de valores, que até então prevaleceu, foi baseado na fraqueza e na negação da vida e que é chegada a hora de “reverter” essa situação: criando valores a partir da força e da afirmação, desde mundo e desta vida.

OBRAS DE NIETZSCHE REFERIDAS ABREVIADAMENTE

Com o propósito de facilitar a leitura das referências adotamos a convenção proposta pela edição Colli/Montinari das obras completas de Friedrich Nietzsche. As siglas em alemão são acompanhadas de siglas em português, conforme convenção.

MAI/HHI – *Menschliches, Allzumenschliches*, (vol.1) (*Humano, demasiado humano* – vol. 1) – 1878

MAII/HHII – *Menschliches, Allzumenschliches* (vol. 2) (*Humano, demasiado humano* – vol. 2) – 1879-1880

M/A – *Morgenröthe* (*Aurora*) – 1880-1881

FW/GC – *Die fröhliche Wissenschaft* (*A gaia ciência*) – 1882

ZA/ZA – *Also sprach Zarathustra* (*Assim falou Zaratustra*) – 1883-85

JGB/BM – *Jenseits von Gut und Böse* (*Além de bem e mal*) – 1886

GM/GM – *Zur Genealogie der Moral* (*Genealogia da moral*) – 1887

AC/AC – *Der Antichrist* (*O Anticristo*) – 1888

GD/CI – *Götzen Dämmerung* (*Crepúsculo dos ídolos*) – 1888

EH/EH – *Ecce homo* (*Ecce homo*) – 1888

NF/FP – *Nachgelassene Fragmente* (*Fragmentos Póstumos*) – 1869-88.

* Salvo indicação contrária, as traduções utilizadas das obras de Nietzsche serão as de Paulo Cesar Souza, Marco A. Casa Nova e Mário Silva, com algumas alterações, quando necessário. As demais citações das obras e artigos, cujo original encontram-se em língua estrangeira, serão traduzidas por nós.

REFERÊNCIAS

FOUILLÉE, A. *Nietzsche et l'Immoralisme*, Félix Alcan, 1902.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Marco A. Casa Nova. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2000.

NIETZSCHE, F. *Humano demasiado Humano, um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia de Bolso, 2005.

NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia de Bolso, 1995.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia de Bolso, 2009.

NIETZSCHE, F. *O Anticristo*. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Artigo recebido em 30.09.2024 e aprovado em 31.10.2024

Kelly de Fátima Castilho possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2004) e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Atualmente é professora ebtt do Instituto Federal Farroupilha. , atuando principalmente nos seguintes temas: nietzsche, eterno retorno, vontade de potência, altruísmo e educação. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-4742-4529>. E-mail: kellyfcastilho2@hotmail.com.

Endereço: Lauro linhares nº 303 Trindade 88025500 - Florianópolis, SC - Brasil

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Profa. Doutoranda Quésia Oliveira Olanda/ Prof.a Mestra Elciene Alves Ferreira de Oliveira